





BOLETIM INFORMATIVO

Neste boletim:

-  [Os “cliques” dos elandes \(gungas\)](#)
-  [Fazendas de fauna selvagem](#)
-  [Quem somos?](#)
-  [Os nossos serviços](#)

Estimados leitores,

Nós somos uma empresa do ramo da veterinária (focada nos animais selvagens), que viaja até Angola (quando o Covid o permite) para visitar alguns dos nossos clientes detentores de animais selvagens e/ou gado. Na Namíbia, é nosso costume publicar boletins informativos mensalmente, algo que já fazemos há alguns anos. Pensámos – porque não fazer o mesmo com os nossos vizinhos do Norte? Nos nossos boletins colocamos as nossas mais recentes novidades, discutimos doenças e práticas de gestão do mato e de animais selvagens, resumimos os nossos artigos e dispomos muito mais informação.

Nesta edição especial Angolana, temos como objetivo dar uma ideia do que pode encontrar nos nossos boletins. Leia e descubra ainda o que está por detrás do clique dos elandes (gungas), a importância das fazendas de fauna selvagem e quem nós somos e o que fazemos! Esperamos que goste desta leitura.

Atenciosamente, Ulf e Mariska

OS “CLIQUES” DOS ELANDES (GUNGAS)

Ao ver os elandes machos a andar, pode já ter ouvido um som estranho, semelhante a um clique ou estalido, como se se tratassem de duas castanholas batendo uma na outra. Alguma vez se questionou sobre o que poderia ser? Bem, os cientistas perguntaram o mesmo e este fenómeno foi debatido durante muito tempo. Artrite, lesões nas cartilagens, ou as úngulas a tocarem uma na outra foram algumas das especulações feitas sobre a origem destes cliques.

Na atualidade, os cientistas acreditam que os cliques vêm de um tendão na parte inferior da perna, que estala sobre os ossos. O som produzido serve como mensagem para outros machos: através dos cliques, o macho dá uma ideia do seu tamanho. Quanto maior o macho, mais baixa é a frequência e, conseqüentemente, mais grave é o som emitido. À medida que o elande vai crescendo, o tendão alonga-se e torna-se mais espesso, contribuindo para um som cada vez mais grave. Desta maneira, os machos conseguem demonstrar a sua condição física, estabelecendo dominância sem a necessidade de confronto físico.

Os sons produzidos não são controláveis pelo animal, o que faz com que sejam muito “honestos”. Além dos cliques, os elandes também se servem de características fisionómicas para estabelecer hierarquia (ver fotografia). Como exemplos temos o comprimento dos cornos (2), a cor da pelagem (6), o grau de escuridão da máscara facial (5), o tamanho do tufo de pelos no topo da cabeça (4) e da barbela (3).



Se quiser descobrir mais sobre este estudo e ainda ouvir algumas gravações destes sons tão peculiares, clique (com o rato e não com o tendão 😊) [aqui](#).

FAZENDAS DE FAUNA SELVAGEM

No passado, a vida selvagem nunca apresentou grande valor económico. Pelo contrário, era vista como competição direta do setor agropecuário ao nível dos recursos. Muitos detentores de propriedades erradicavam qualquer forma de vida selvagem que entrasse nos seus domínios. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a ver a vida selvagem com outros olhos, viam agora oportunidades. O número de fazendas de fauna selvagem, no sul do continente africano, aumentou rapidamente nos últimos 40 a 50 anos. As *game farms*, como são conhecidos em países de língua inglesa, estão agora de mãos dadas com a vida selvagem.



Rinoceronte branco na Namíbia.
© M. Bijsterbosch

Graças a esta atividade, algumas espécies que se encontravam em vias de extinção conseguiram, ao longo dos anos, recuperar as suas populações. Um exemplo de sucesso é o caso do rinoceronte branco (*Ceratotherium simum*). No final do século XIX, quando estes se pensavam extintos, foi descoberta uma pequena população, com menos de 100 indivíduos, em Kwazulu-Natal, África do Sul. Com a monitorização e proteção corretas, estima-se que esta população possua agora cerca de 19.600 – 21.000 indivíduos. Infelizmente, a caça ilegal apresenta-se agora como uma séria ameaça a estes rinocerontes...

Um outro exemplo é o bontebroque (*Damaliscus pygargus*). Após anos de caça excessiva e do crescimento do setor agropecuário, restavam apenas 17 exemplares no início do século XIX. Conservacionistas e agricultores, preocupados, criaram em 1931 o hoje conhecido por *Bontebok National Park* (Parque Nacional do Bontebroque), ajudando à recuperação da população. No entanto, devido a restrições no habitat, as populações voltaram a decrescer pouco tempo depois. Devido a uma melhor gestão de habitats, existem agora cerca de 2500 – 3000 indivíduos, localizadas principalmente em propriedades privadas. Outras espécies presentes nas regiões mais a Sul do continente africano, salvas da extinção eminente, são o gnu-de-cauda-branca, a palanca-vermelha e a palanca-negra.



Bontebroque na Parque Nacional do Bontebroque, África do Sul. © [Jim Scarff](#)

A Palanca-negra-gigante (*Hippotragus niger variani*), o orgulho nacional Angolano, pode ser considerado outro exemplo de espécie que conseguiu recuperar. A população de palanca-negra-gigante é uma espécie endémica (está presente numa só área) da região centro-norte do planalto Angolano e é extremamente rara. Nós acreditamos que programas de reprodução específicos, que envolvam as autoridades conservacionistas angolanas e produtores, possam dar um enorme empurrão na recuperação desta espécie à beira da extinção.



Em 2019, na Reserva do Luando, 17 palancas (9 fêmeas e 6 machos) foram sedados e receberam colares com dispositivos GPS. O comprimento dos cornos dos machos variava entre os 130 e os 140cm – um criador deste tipo de animais na África do Sul ou na Namíbia, apenas poderia sonhar com estes números! Este magnífico exemplar macho foi o maior a ser imobilizado. © [Pedro Vaz Pinto](#)

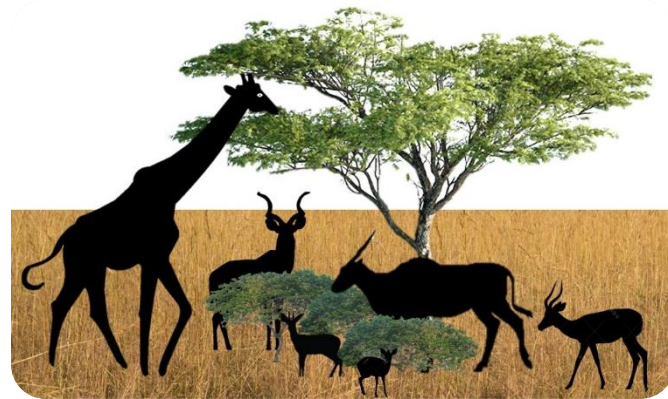
Vantagens da produção de fauna selvagem

Quando comparado com a criação de gado convencional, a diferença mais marcante prende-se ao facto de o gado ser usualmente criado em monocultura (uma só espécie), enquanto a criação de vida selvagem envolve um maior número de espécies, que utilizam o habitat de maneiras diferentes. Enquanto o gado consome apenas erva, as diferentes espécies de animais selvagens usam diferentes partes do meio envolvente. Um búfalo consome vegetação grosseira e uma impala, por sua vez, já consome a forragem mais seletivamente. Esta importante partilha de habitat é chamada de “repartição de recursos”.



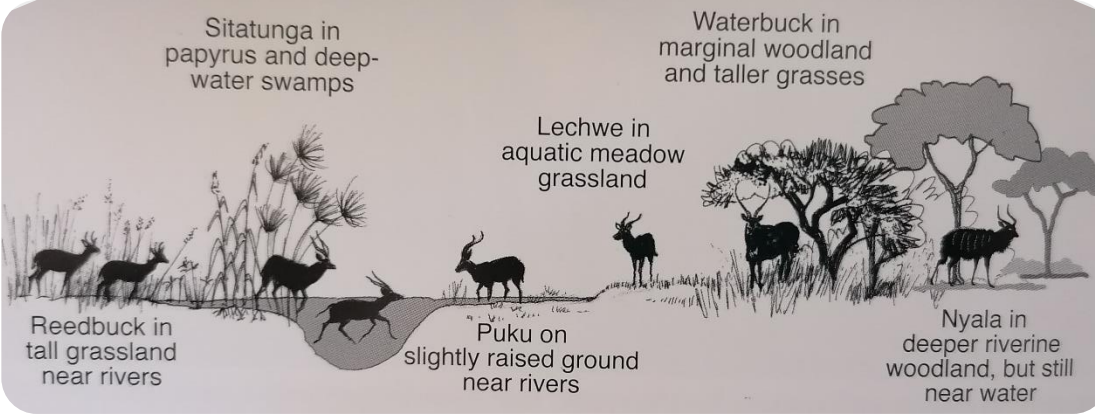
Uma espécie pode ir “abrindo caminho” para outras, à medida que vai consumindo e desgastando o terreno. (a) o Búfalo é um grande consumidor de forragem alta, preferindo sobretudo a zona superior da planta, onde se encontram as folhas, agarrando-as com a língua. (b) a Zebra consome tanto forragem alta como baixa. São detentoras de dentes incisivos inferiores e superiores fortes, que quebram os caules mais robustos. (c) o Gnu, com o seu focinho largo, consome vegetação baixa e rasteira, de uma forma pouco seletiva. (d) as Impalas são bastante versáteis. Possuem o lábio superior fendido, o que lhes permite alimentarem-se ao nível do solo. © Veronica Roodt

De uma maneira semelhante, os *browsers* (animais que se alimentam maioritariamente de folhas, frutos e rebentos de arbustos e árvores) também nos aparecem em diferentes tamanhos; o pequeno caxine (conhecido como dik-dik pelos falantes da língua inglesa) encontra o seu alimento a uma baixa altura, o Kudu, a um nível intermédio e a Girafa consome sobretudo os ramos mais altos dos arbustos e árvores. Esta espetacular adaptação da natureza explica a razão pela qual as savanas africanas conseguem suportar uma tão grande diversidade de espécies. Devido à natural repartição de recursos, uma fazenda de fauna selvagem consegue, através de uma correta seleção e quantidade de espécies, suportar uma maior biomassa de animais, comparativamente a fazendas de gado.



Os browsers também se alimentam a diferentes níveis; pequenos antílopes ingerem pequenos arbustos, enquanto as grandes girafas conseguem alcançar alimento a alturas onde mais ninguém chega. © U. Tubbesing

Uma das grandes vantagens da criação de gado é a sua fácil manipulação. É sem grande esforço que uma pessoa consegue arrebatar os animais, colocá-los num *paddock*, trabalhá-los e, no caso de ocorrer uma seca, carregá-los num veículo apropriado, transportando-os para o matadouro ou para uma pastagem mais verde. A gestão de animais não domésticos já requer um outro entendimento, equipamentos e fármacos, requerendo muita preparação e técnica. É essencial que estas questões estejam sempre presentes na mente de um proprietário, no que diz respeito à manutenção e gestão da sua fazenda.



Este é um exemplo de como os antílopes partilham as suas fontes de alimento. Enquanto a produção de bovinos ou ovinos se faz em regime de monocultura e utiliza apenas uma parte do habitat, a produção de animais selvagens recruta diferentes elementos do meio ambiente.

© Veronica Roodt

Do ponto de vista económico, a produção de animais selvagens é bastante interessante e pode gerar dinheiro de diferentes formas, incluindo pelo alojamento de caçadores ou pela aposta no ecoturismo. Adicionalmente, a carne destes animais, juntamente com outros subprodutos, são um bem muito valorizado, podendo representar uma boa fonte de rendimento. A reprodução de algumas espécies mais raras pode também ser muito lucrativa. O excedente de animais produzidos em Angola servirá como ponto de partida para eventuais novas fazenda, uma vez que estes animais já se encontram adaptados ao clima e à vegetação do país.

O *Game farming* dá ainda uma oportunidade às comunidades locais de se desenvolverem. As propriedades que oferecem a possibilidade de estadia (quer seja para caçadores ou para ecoturistas), requerem *staff* muito bem treinado (manutenção, limpeza, catering e ainda guias de caça/turístico, etc.).

Devido ao facto de os animais selvagens estarem melhor adaptados às condições que os rodeiam, os custos associados à manutenção e gestão das fazendas tende a ser, geralmente, mais baixo (não existe a necessidade de vacinações anuais, desparasitações, etc.).

Nem sempre é um começo fácil.

Para converter uma exploração de gado já existente numa fazenda de vida selvagem, não se pode apenas trocar os primeiros pelos segundos. O proprietário do terreno deve ter uma ideia clara sobre aquilo que quer fazer, quer estejamos a falar do tamanho do terreno a usar (quanto maior, melhor), quer da sua organização (o habitat deverá ser o mais diverso possível). Outras questões que devem ser equacionadas desde o início são: Que espécies vou incluir no meu espaço? Quantos exemplares de cada espécie verei possuir? Estas decisões devem ser tomadas tendo por base a análise do habitat. Quando as ideias já estiverem claras e definidas, é altura de instalar uma vedação à prova de animais selvagens. Este cercado deverá ser robusto, mantendo os animais dentro e as pessoas fora. Deverá, de uma maneira geral, ter uma altura mínima de 2.4 m. Uma vez que a fauna selvagem é um investimento caro, não é aconselhável tentar poupar dinheiro erguendo vedações de baixa qualidade. Ao invés, deve olhar-se criticamente para a forma do campo a vedar, uma vez que muitas esquinas adicionam quilómetros (e custos) a este processo – deve apostar-se em quadrados simples.

Temos muito anos de experiência prática em todos os aspetos que a criação de vida selvagem envolve. Ficamos muito felizes em conseguir auxiliar no planeamento e na gestão de fazendas de fauna selvagem. Em Angola, foram várias os proprietários e reservas às quais prestámos assistência ao longo dos anos. Já estivemos nas regiões de Cuando Cubango, Huila, Benguela e Cuanza-Sul, bem como na República Democrática do Congo. O nosso protocolo envolve uma cuidada visita ao terreno, uma análise do habitat e a elaboração de um plano de gestão básico, dando algumas sugestões sobre as espécies de animais adequadas ao local.



Palanca-vermelha numa fazenda privada, em Cuanza-Sul. © M. Bijsterbosch

QUEM SOMOS?

Está na altura de nos apresentarmos! A Wildlife Vets Namibia consiste numa equipa de cinco pessoas; Dr Ulf Tubbesing, Mariska Bijsterbosch e os nossos trabalhadores Frederick, Manu e Romario. Como trabalhamos em equipa, somos capazes de realizar tarefas rápida e eficazmente.

Dr Ulf Tubbesing

Sou nascido e criado na Namíbia. Estudei ciências veterinárias e graduei-me em 1983, pela Faculdade de Veterinária Onderstepoort – Universidade de Pretoria. Após a conclusão desta etapa de estudos, trabalhei numa Clínica de Referência e Emergência 24 Horas, em Joanesburgo. Especializei-me e dei aulas em Onderstepoort. Em 1994, regresssei à Namíbia, onde acabei por comprar a *Rhino Park Veterinary Clinic*. Em meados de 2009, a quantidade de trabalho relacionada com vida selvagem que me chegava passou a ser predominante, o que me levou a vender a clínica e a concentrar-me naquela que passou a ser a minha atividade a tempo-inteiro. Os anos que passei envolvido no aspeto veterinário da vida selvagem levou-me a ganhar muita experiência nos diversos campos desta medicina, tendo trabalhado com a maioria das espécies selvagens do Sul do continente africano. Para além do trabalho veterinário que realizo, sou também palestrante ativo junto de produtores, conferências veterinárias e muitas outras, cujos tópicos sejam referentes a vida selvagem. Atualmente, trabalho ainda como professor auxiliar na Faculdade de Veterinária da Namíbia.



Aqui, Dr Ulf está a aproximar-se de um rinoceronte branco macho imobilizado. A abordagem é feita por trás, depois, andando lateralmente ao animal, alcança-se a cabeça e coloca-se uma máscara especial para rinocerontes. Esta máscara cobrirá os olhos e manterá o animal calmo. © J. Muller



Imobilizámos este leão macho para lhe colocarmos um colar de monitorização.

Aqui, a Mariska está a acordá-lo, administrando um fármaco de reversão.

© U. Tubbesing

Mariska Bijsterbosch

Eu sou originalmente da Holanda, onde estudei e me tornei enfermeira veterinária. O meu primeiro trabalho foi como tratadora no jardim zoológico de Ouwehands, no departamento Africano. Enquanto trabalhava, realizei um BSc em Gestão de Vida Selvagem, tendo a oportunidade de o concluir com um estágio no *Cheetah Conservation Fund in Namibia* (Fundo para a Conservação de Chitas da Namíbia). Foi aqui que me apaixonei por este país. Após concluir os meus estudos, trabalhei como assistente de investigação num projeto de doutoramento (PhD), sobre o conflito produtor-predador na Namíbia. Regressei uma vez mais à Holanda, desta vez para realizar um mestrado (MSc) em Conservação de Florestas e Natureza, na Universidade de Wageningen. Foi durante o meu estágio final, numa *game farm* da Namíbia, que conheci e trabalhei com o Ulf pela primeira vez. Recebi uma proposta de emprego da sua parte, o que me levou a participar num curso de imobilização de espécies selvagens e a qualificar-me como paraprofissional de Vida

Selvagem, pelo *Veterinary Council of Namibia* (Concelho **Frederick, Manu e Romario**

Os nossos trabalhadores, faz-tudo, condutores... que mais podemos dizer?! São altamente experientes em capturas e transportes de espécies selvagens africanas; das cabras-de-leque ao majestoso elefante. Ao longo dos anos, ganharam uma vasta experiência em transporte terrestre, aéreo e aquático, em países como Angola e RDC. Quando transportamos animais para Angola, por exemplo, estes senhores vêm connosco! Eles guiam, ajudam a monitorizar os animais e distribuem a comida e água necessárias.



Este elefante macho andava a deambular por Swakopmund, uma cidade costeira da Namíbia. Não é bem o que podemos considerar como habitat ideal para um elefante destes. Tornou-se um perigo para os residentes e, como tal, foi transportado para uma reserva. © M. Bijsterbosch



Algumas destas girafas foram capturadas e transportadas para a RDC © M. Bijsterbosch

OS NOSSOS SERVIÇOS

Podemos oferecer um largo espectro de serviços relacionados com a fauna selvagem. Trabalhamos com todas as espécies na Namíbia, Angola e RDC. Se tiver alguma dúvida, não hesite em contactar!

Trabalho veterinário

O nosso principal serviço é a imobilização química. Os animais selecionados são sedados com fármacos imobilizadores, de maneira a conseguirmos manipular, tratar e transportar da melhor maneira. Estamos equipados para realizar desde pequenas cirurgias a intervenções bastante complexas. Adicionalmente, possuímos equipamento laboratorial de campo, o que nos permite fazer análises sanguíneas, fecais e de tecidos no local, aumentando a rapidez da nossa capacidade de diagnóstico. O nosso aparelho ecográfico de alta qualidade vem também melhorar a nossa capacidade de resposta. Se se justificar, colheremos amostras complementares, de forma a realizar análises laboratoriais mais complexas.

Transportamos sempre connosco um cortador de cascos, desenhado com um disco especial para aparar cascos compridos. No caso de nos serem reportados casos de mortalidade, efetuamos um exame post mortem com necrópsia completa.



Da esquerda para a direita: Colheita de sangue de uma zebra doente; Medição de um palanca-negra macho; Imobilização de um rinoceronte branco. © M. Bijsterbosch



Consultoria em todas as questões de produção e de bem-estar animal

Podemos auxiliar em qualquer questão que envolva produção de vida selvagem e de gado: “Qual é o tamanho de terreno ideal?”, “Que habitats devo eu incluir na propriedade?”, “Quais e quantas espécies?”, “Que devo escolher para a sua alimentação?”, “Como construir o cercado (boma)?”, “Que licenças devo possuir?”, etc. Vamos até à sua propriedade, equacionamos o terreno e os seus objetivos e escrevemos um relatório baseado no que vimos e na nossa experiência. Para continuarmos a fortalecer este mercado e as pessoas envolvidas na Vida selvagem, criámos diferentes cursos, tais como os cursos *Post-Mortem* e *Cena de Crime animal*.

O nosso foco são os animais selvagens, mas podemos também assistir com qualquer questão relativamente ao gado e animais de companhia. Por exemplo, todos os anos fazemos uma avaliação da saúde animal numa fazenda de laticínios na área do Lubango, damos conselhos acerca de práticas de reprodução animal, gestão de doenças, etc. Com as devidas autorizações, podemos assistir com certas vacinações e/ou medicação animal necessárias.

Somos orgulhosamente reconhecidos como Unlimited Game Dealers, o que significa que podemos transportar qualquer espécie! Temos os nossos próprios equipamentos e meios de transporte especializados para fauna selvagem. © M. Bijsterbosch

Translocação de fauna selvagem

O Ministério do Ambiente, Florestas e Turismo da Namíbia, concedeu-nos o estatuto “*Unlimited Game Dealers*”. Este título significa que podemos translocar todas as espécies, desde antílopes, a rinocerontes e elefantes. Temos quatro veículos especializados para fauna selvagem, cinco atrelados (incluindo um destinado à recuperação de espécies como a girafa/rinoceronte), nove contentores gerais e ainda alguns específicos para elefantes. O nosso foco assenta principalmente na importação e exportação. Temos anos de experiência em importar e exportar, de e para a África do Sul e Angola. Em 2017, iniciámos com sucesso exportações para a República Democrática do Congo.

Antes da exportação propriamente dita, conduzimos uma avaliação cuidada do habitat, da disponibilidade de alimento, doenças, cercados, adequabilidade das espécies em questão e possíveis problemas, de maneira a assegurarmos que os animais serão bem-sucedidos no novo ambiente. Podemos assisti-lo na obtenção de todas as licenças necessárias.

Levamos sempre água e comida para os animais. Estas girafas estão a comer luzerna enquanto são transportadas para uma fazenda privada em Angola; as inhallas foram para a RDC e as zebras também para Angola. © M. Bijsterbosch





Da esquerda para a direita: Translocação de um elefante macho adulto na Namíbia; Translocação de animais da Namíbia para Angola; Libertação de impalas numa propriedade namibiana. © M. Bijsterbosch

Mais informações?

Educação é uma parte importante do nosso trabalho. Acreditamos que, quanto mais soubermos, melhor conseguimos cuidar da Natureza e dos animais. Espreite o nosso website www.wildlifevetsnamibia.com, para mais detalhes acerca de como a nossa equipa o pode ajudar. Neste website encontra-se uma secção com “Documentação”, onde é possível fazer o download gratuito de inúmeros artigos. São abordados tópicos como doenças, nutrição, gestão de fazendas, etc. Também temos andado ocupados a escrever discussões de casos, de examinações Post-mortem, que tenhamos visto ou realizado. Pretendemos ensinar aos criadores e gestores o que podem encontrar durante uma necrópsia. Todos os boletins anteriormente lançados estão também presentes nesta pasta.

Temos também a nossa página no Facebook, onde publicamos novidades sobre o nosso trabalho, damos avisos sobre eventuais surtos de doenças e outras informações úteis. Pode encontrar a nossa página [aqui](#) e, se quiser manter-se informado, deixe um gosto! Vídeos das nossas translocações e de alguns serviços já realizados estão postados no nosso [canal do YouTube](#).

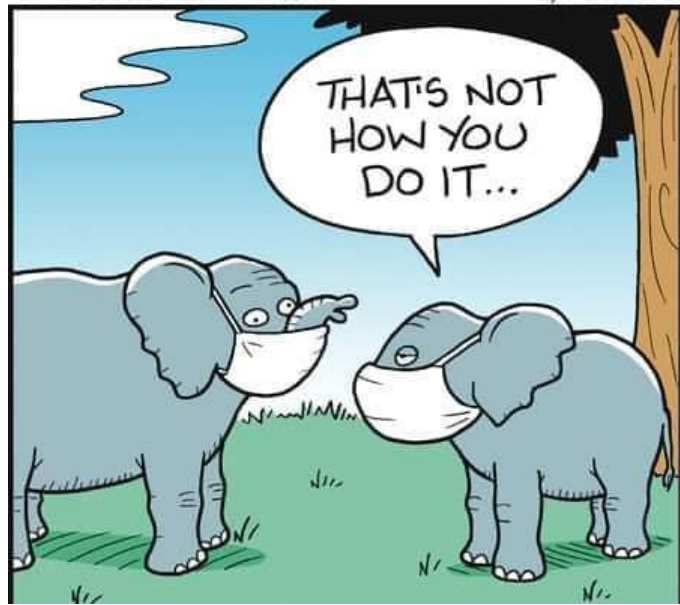
Esperamos que tenha gostado de ler esta Edição Especial -Angola. Se quiser receber este boletim informativo mensalmente, ou colocar qualquer outra questão, não hesite em contactar-nos! Os detalhes dos nossos contactos estão em baixo.

Um grande obrigada à Diana Vieira e ao Miguel Dias por traduzirem este boletim informativo! Agradecemos o tempo que despendeu a ler sobre o nosso trabalho. Desejamos um resto de ótimo dia!

Com os melhores cumprimentos,

Ulf Tubbesing e Mariska Bijsterbosch.

off the mark.com by Mark Parisi



DR ULF TUBBESING

P.O. BOX 50533, BACHBRECHT,
WINDHOEK

+264 (0) 81 128 3050

ULF@WILDLIFEVETSNAMIBIA.COM

MARISKA BIJSTERBOSCH

+264 (0) 81 382 8473

+31 (0)6 4369 3095 (WHATSAPP)

MARISKA@WILDLIFEVETSNAMIBIA.COM

WWW.WILDLIFEVETSNAMIBIA.COM

FACEBOOK: [WILDLIFE VETS NAMIBIA](#)

YOUTUBE: [WILDLIFE VETS NAMIBIA](#)